

Escola Comunitária – Integração Escola e Comunidade: mobilizar é transformar?

**Percurso de experiências
do ano de 2019 e
adaptações em processo
durante 2020 a partir da
pandemia.**

Community School - Integration
School and Community: to mobilize is
to transform?
Experiences path of the year 2019
and adaptations in process during
2020 since the pandemic.

Escuela Comunitaria - Integración
Escuela y Comunidad: ¿movilizar és
transformar?
Camino de experiencias del año 2019
y adaptaciones en proceso durante
2020 desde la pandemia.

Fernanda Eiras Rubio¹

1 É licenciada em Pedagogia pelo Instituto Singularidades, graduanda em Artes Visuais pela Universidade de Taubaté e idealizadora da Escola Comunitária – Integração Escola e Comunidade na cidade de São Paulo. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9416955167717592>.

Resumo

Este artigo em arte educação tem o objetivo de relatar os percursos criados, estruturados, tateados e realizados pelo projeto Escola Comunitária – Integração Escola e Comunidade, no bairro da Aclimação, na cidade de São Paulo no ano de 2019, através das noções de cooperação (FREINET), dos territórios livres (RAGO) e da experiência (LARROSA). Como ferramenta de interação com a comunidade durante as pesquisa-ações utilizamos o conceito de estética relacional (BOURRIAUD). A partir de 2020 com a pandemia de coronavírus ocorreram mudanças no plano de ações do projeto devido ao isolamento social. Dada essa realidade, iniciamos um processo de adaptações experimentando novamente outras estruturas de organização, comunicação, solidariedade e encaminhamentos nas plataformas virtuais junto com a comunidade. Utilizamos a ideia de comunidade de aprendizagem (TORRES) onde por meio das nossas próprias forças buscamos suprir nossas carências. Refletimos sobre nossas tentativas de criação e mobilização com diversos grupos, vizinhos e funcionários públicos no nosso território e se podemos transformar nossa realidade local pela práxis, com a participação de variados atores trabalhando em colaboração e parceria com as escolas públicas da região

Palavras-Chave

Arte educação; experiência; estética relacional; mobilização; transformação.

Abstract

This article in art education aims to report the paths created, structured, groped and carried out by the project Community School - Integration School and Community in the neighborhood of Aclimação in the city of São Paulo in 2019 through the notions of cooperation (FREINET), free territories (RAGO) and experience (LARROSA). As a tool for interaction with the community during action research we use the concept of relational aesthetics (BOURRIAUD). From 2020 onwards with the coronavirus pandemic, there were changes in the project's action plan due to social isolation. Given this reality, we started a process of adaptations, experimenting again with other organizational, communicational, supportive and referral structures on virtual platforms together with the community. We use the idea of a learning community (TORRES) where through our own strengths we seek to supply our needs. We reflect on our attempts to create and mobilize with different groups, neighbors and public officials in our territory and whether we can transform our local reality through praxis with the participation of various actors working in collaboration and partnership with public schools in the region.

Keywords

Art education; experience; relational aesthetics; mobilization; transformation.

ISSN: 2447-1267

Resumen

Este artículo en educación artística tiene como objetivo informar los caminos creados, estructurados, a tientas y llevados a cabo por el proyecto Escuela Comunitaria - Integración Escuela y Comunidad en el barrio de Aclimação en la ciudad de São Paulo en 2019 a través de las nociones de cooperación (FREINET), territorios libres (RAGO) y experiencia (LARROSA). Como herramienta para la interacción con la comunidad durante la investigación de acción, utilizamos el concepto de estética relacional (BOURRIAUD). A partir de 2020, con la pandemia de coronavirus, hubo cambios en el plan de acción del proyecto debido al aislamiento social. Ante esta realidad, comenzamos un proceso de adaptación al intentar nuevamente otras estructuras de organización, comunicación, solidaridad y referencias en plataformas virtuales junto con la comunidad. Utilizamos la idea de una comunidad de aprendizaje (TORRES) donde, a través de nuestras propias fortalezas, buscamos satisfacer nuestras necesidades. Reflexionamos sobre nuestros intentos de crear y movilizar con diferentes grupos, vecinos y funcionarios públicos en nuestro territorio y si podemos transformar nuestra realidad local a través de la praxis con la participación de varios actores trabajando en colaboración y asociación con escuelas públicas de la región.

Palavras clave

Educación artística; experiencia; estética relacional; movilización; transformación.

“Sem comunidade, não há libertação, somente o mais vulnerável e o temporário cessar-fogo entre um indivíduo e sua opressão.” (Audre Lorde, tradução minha do inglês)¹

Introdução

A Escola Comunitária – Integração Escola e Comunidade² é um projeto e trabalho independente de pesquisas e experimentações atuando desde 2016 no bairro da Aclimação, localizado na região centro-sul da cidade de São Paulo, buscando transformações positivas com parcerias e colaborações. Nossas ações transitam pelos pilares da arte, educação, território e sustentabilidade. Exercitamos a construção de uma cidadania mais participativa para o desenvolvimento local realizando diversas atividades como mutirões, oficinas, estudos do meio e debates, onde as escolas públicas na região da Aclimação e comunidade local se unem para compreender as necessidades do território e assim pensar caminhos possíveis de melhorias, dialogando de forma autônoma como também participando de processos nas políticas públicas. Uma frase de Freinet contempla significativamente nossa práxis enquanto projeto e movimento:

A verdadeira fraternidade é a fraternidade do trabalho. O mais sólido dos traços de união entre os membros de uma família, de um grupo, de uma aldeia e de uma pátria ainda é o trabalho. (FREINET, 1998, p. 335)

Celestin Freinet, pedagogo francês, tinha como característica principal a ‘pedagogia do bom senso’, visando a interação na educação popular pela vida cotidiana. Sua filosofia buscava responder aos anseios individuais, sociais, intelectuais, técnicos e morais da vida numa sociedade em pleno desenvolvimento tecnológico e científico. Tinha como meta formar um ser humano adulto mais responsável, capaz de agir e interagir com seu meio; sendo uma pessoa mais apta a contribuir na transformação da sociedade. Sempre encorajando o espírito da curiosidade tornando assim as crianças mais dignas de buscar seus próprios interesses e conhecimento.

Suas bases de apoio eram os princípios da cooperação, da comunicação, a expressão livre, a educação pelo trabalho e o tateamento experimental. Para a Escola Comunitária, Freinet adotou a ideia da verdadeira fraternidade através do trabalho, que se pode expressar na união dos membros de uma família, de um grupo, de uma aldeia e de uma pátria. Criou o ‘Método Natural’ (1961), onde a espontaneidade favorecia o aprendizado utilizando a produção de uma imprensa pedagógica com

1 “Without community, there is no liberation, only the most vulnerable and temporary armistice between an individual and her oppression.” (Audre Lorde, Sister Outsider)

2 O trabalho da Escola Comunitária – Integração Escola e Comunidade pode ser visto em: <https://www.facebook.com/escolacomunitarias/>.

sentido de função social e intercâmbios contextualizados.

Margareth Rago em seu livro de 2015, "Inventar outros espaços, criar subjetividades libertárias" discute temas que se relacionam com o século XX sobre espacialidade, abordando a ideia de tempo livre e pela invenção de outros espaços através da subjetividade. Sobre os territórios livres e a cidade que queremos ela aborda o conceito de heterotopias de Foucault:

Nesses movimentos, também está em jogo a invenção ética e libertária da subjetividade, que só se torna possível a partir de experiências individuais e de formas de sociabilidade mais inteiras e mais equilibradas, que possibilitem a expansão dos afetos e desejos. Não se trata apenas dos "sujeitos de direito" que clamam por se fazerem ouvir e serem reconhecidos perante o Estado, mas de novas subjetividades que acenam em busca da ética e do sentido de suas próprias vidas: da renúncia de si e da culpabilização dos desejos, passa-se à afirmação de existências estetizadas, construindo declarada ou imperceptivelmente suas artes do viver e suas heterotopias. (RAGO, 2015, p. 59 e 60)

Nosso projeto abrange esta ideia de construir a cidade que queremos pela anúncio de novas subjetividades, as quais incluem heterotopias compostas pelos diversos grupos e indivíduos participantes que estruturam nossas experiências como comunidade em processos de aprendizagens onde a ética dispõe de nossas existências estetizadas.

Alguns dos nossos principais desafios em uma sociedade extremamente desigual, pensando no desenvolvimento local e na promoção de uma cidadania mais participativa, são entender os mecanismos que fazem a exclusão social se perpetuar e também investigar e propor ações inovadoras que possibilitem estas mudanças. Conforme observou Livia Carvalho:

Os problemas sociais provenientes das desigualdades, que se acentuaram no início da década de 1980, e os motivados pelas mudanças econômicas decorrentes dos tempos de globalização tornaram a exclusão social ainda mais intensa e revigorada. Diante desse quadro, os intelectuais são desafiados, de um lado, a entender os mecanismos que tornam possível a manutenção de tais fenômenos, e, de outro, a investigar ações inovadoras que promovam tais mudanças. (CARVALHO, 2009, p. 296)

A partir das palavras da autora, para trabalhar com estes problemas sociais que nos cercam e impedem que as relações sejam mais harmoniosas e potentes, devido a questões econômicas que afetam pessoas em maior vulnerabilidade, é que nos dedicamos e criamos estratégias de inclusão em alguns locais do nosso bairro como territórios livres e com circulação de subjetividades.

Tião Rocha utiliza um provérbio africano que diz que é preciso uma aldeia inteira para educar uma criança e em uma entrevista de 2013 sobre inovações na educação afirma:

Não precisamos de sala, precisamos de gente. Não precisamos de prédio, precisamos de espaços de aprendizado. Não precisamos de livros, precisamos ter todos os instrumentos possíveis que levem o menino a aprender. (PORVIR – INOVAÇÕES EM EDUCAÇÃO, 2013)

Neste horizonte cooperativo que Freinet aborda a partir de tateamentos experimentais, onde novas subjetividades com heterotopias se formam em territórios livres na cidade que queremos como sugere Rago, e com a dimensão destes espaços de aprendizado que Tião Rocha busca retratar e reclamar com esta aldeia inteira de gente que possui diversos instrumentos e que cada criança e jovem precisa para aprender. A educação não precisa necessariamente de paredes e de livros, para inovar é preciso vivenciar amplamente os conhecimentos com todas as ferramentas possíveis.

Percurso de experiências do ano de 2019

A proposta da Escola Comunitária no ano de 2019 foi vivenciar algumas experiências com alguns mediadores, grupos e coletivos no nosso bairro, em alguns locais do território que acreditamos ser potentes para interagir com nossa própria comunidade em diversos contextos. Planejamos e estruturamos um percurso de experiências com algumas programações conjuntamente no primeiro semestre, e depois, no segundo semestre refletindo e aprimorando o que foi experienciado no primeiro, participamos da Jornada do Patrimônio Municipal 2019 e criamos um projeto de documentário sobre uma área subutilizada na nossa região que é uma de nossas principais pesquisa-ações no momento.

No aspecto de uma pesquisa com caráter de pesquisa-ação Thiollent (2011) elucida os objetivos como condição necessária, principalmente a relação existente entre os objetivos de pesquisa e os objetivos de ação. Podemos dividir essas características em dois tipos de objetivos: a) Objetivo prático: soluções reais a curto prazo para um dos problemas centrais na pesquisa com propostas de ações auxiliando sua atividade transformadora na ação. b) Objetivo de conhecimento: obtendo informações que seriam de difícil acesso por meio de outros procedimentos, com maior capacidade de mobilização.

Thiollent especifica o uso desta metodologia onde pode ocorrer situações de reflexão durante os processos de atividades:

O estudo da metodologia de pesquisa-ação leva a uma problematização das condições de ação de determinados atores. Considera-se que, em função de sua identidade cultural e visões de mundo, esses atores podem identificar os problemas e buscar soluções criativas. Os pesquisadores auxiliam a conduta do processo, avaliam os efeitos da ação experimentada e aprendem com o conjunto das atividades desencadeadas pelo projeto. (THIOLLENT, 2011, p. 123)

A partir do contato com os mediadores, grupos, coletivos, funcionários públicos e vizinhos, podemos constantemente consultá-los sobre diversas informações para a nossa pesquisa-ação, além de tatear em conjunto as possíveis soluções ou encaminhamentos em ações para os problemas mais à vista na superfície, como prioridades a serem mobilizadas em comum acordo entre os agentes em convívio na comunidade, criando direções a serem percorridas.

Na tabela abaixo está descrita a programação estruturada coletivamente para o primeiro trimestre de 2019 e experienciada nos meses de abril, maio e junho:

Programação para o primeiro trimestre: meses de abril, maio e junho de 2019.
<p><u>1os domingos de cada mês no Largo Nossa Senhora da Conceição:</u></p> <ul style="list-style-type: none">- Como montar ou melhorar um negócio! Empreendendo de maneira solidária.- Como escrever um projeto? Captando recurso público e privado. <p>Mediação: Diego Veiga (NESOL – USP³)</p>
<p><u>2os domingos de cada mês no Largo Nossa Senhora da Conceição:</u></p> <ul style="list-style-type: none">- Torneio de peteca, pula-corda e dominó. <p>Mediação: Fernanda Rubio</p>
<p><u>3os domingos de cada mês na Biblioteca Raul Bopp:</u></p> <p>Contaçõ de história para crianças e Oficina de ilustração.</p> <ul style="list-style-type: none">- “A árvore generosa” (SILVERSTEIN, 2017)- “O coelho e o jabuti” (VIANA, 2011) <p>Mediação: Fernanda Rubio</p>
<p><u>4os domingos de cada mês na Biblioteca Raul Bopp:</u></p> <ul style="list-style-type: none">- Oficina de jogos indígenas do Brasil – O jeito indígena de brincar.- Oficina de Guardiões Mirins da Aclimação – Seja um guardião ambiental no nosso bairro!- Oficina Super Sustentáveis – Seja um herói do meio ambiente! <p>Mediação: Transition Aclimação⁴</p>

3 NESOL-USP (Núcleo de Economia Solidária da Universidade de São Paulo) visa trabalhar e difundir a economia solidária como uma estratégia de transformação social que tem as pessoas como elemento central na construção de novas relações econômicas, sociais e políticas.

4 Transition Aclimação é um grupo de vizinhos que trabalham conjuntamente para criarem soluções e pensarem juntos ações de melhoria para o bairro da Aclimação.

Nossas experiências foram percorridas durante o primeiro trimestre de 2019 em dois espaços públicos no nosso bairro: o Largo Nossa Senhora da Conceição, que se localiza ao lado da Escola Estadual (EE) Caetano de Campos – Aclimação e a Biblioteca Raul Bopp, que se encontra praticamente dentro do Parque da Aclimação. Cada agente ou mediador e grupo utilizou de suas próprias potências, experiências e conhecimentos para ir de encontro com as carências apontadas em nossa comunidade. Percebemos que nos dois espaços os trabalhos voltados para as crianças foram mais proveitosos com maior participação da comunidade.

Nesta tabela abaixo estão descritas nossas proposições para a Jornada do Patrimônio Municipal 2019:

Participação da Jornada do Patrimônio Municipal 2019⁵ : 17 e 18 de agosto de 2019.
<p><u>Roteiro de Memória: Lavapés</u></p> <p>Este roteiro se iniciará na Rua Lavapés, território emblemático do bairro do Cambuci em São Paulo. Já foi o limite da cidade e a trilha que levava até Santos no século XVI. Lá os viajantes e cavalos descansavam e lavavam seus pés antes de entrar na cidade. Também viu se formar, a partir de forte imigração, grandes fábricas e articulações de trabalhadores. Foi região de encontro do movimento anarquista e até de bombardeio aéreo contra quem queria justiça gratuita e ensino público obrigatório em 1924. De lá vamos até o Largo Nossa Senhora da Conceição e a EE Caetano de Campos, percebendo na arquitetura, seus usos e desusos, a história de São Paulo, de suas riquezas e desigualdades.</p> <p>Mediação: Diego Veiga</p>
<p><u>Oficina: Desenhar Possibilidades com a Comunidade para uma Área Subutilizada</u></p> <p>Entre a EE Caetano de Campos - Aclimação e o Largo Nossa Senhora da Conceição há uma extensa área verde subutilizada há 19 anos, onde funcionou a pré-escola até 2000. Resta sua estrutura circular em ruína que faz parte do projeto arquitetônico em processo de tombamento. O terreno foi cedido para a Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo em 2007 para construção de uma base da Polícia Militar (PM). Nossa proposta de oficina cria possibilidade da comunidade trazer ideias e sugestões para o local, projetar desenhando, levando em consideração a história e contexto atual do espaço e arredores. Os desenhos serão entregues ao Departamento de Obras e Patrimônio do 11º Batalhão da PM (Vergueiro).</p> <p>Mediação: Fernanda Rubio</p>

5 Programação completa da Jornada do Patrimônio Municipal 2019 no site: <http://www.jornadadopatrimonio.prefeitura.sp.gov.br/2019/> . Acesso em: 07 de out. 2020.

As fotos abaixo (Fig. 1 e Fig. 2) são registros de processos durante a oficina “Desenhar Possibilidades com a Comunidade para uma Área Subutilizada”:



Fig. 1 – Foto de Ana Mikaela na Oficina: Desenhar Possibilidades com a Comunidade para uma Área Subutilizada, mediação de Fernanda Rubio, Jornada do Patrimônio Municipal 2019.



Fig. 2 – Foto de Ana Mikaela na Oficina: Desenhar Possibilidades com a Comunidade para uma Área Subutilizada, mediação de Fernanda Rubio, Jornada do Patrimônio Municipal 2019.

A experiência da oficina “Desenhar Possibilidades com a Comunidade para uma Área Subutilizada”, que ocorreu no Largo Nossa Senhora da Conceição, proporcionou o contato, debate e a oportunidade de conhecer as diferentes ideias que as pessoas que frequentam a região possuem sobre quais as possibilidades de reestruturação do espaço público conhecido como Queijinho, ao lado da EE Caetano de Campos - Aclimação. Assim, foi possível que adultos de diferentes formações e crianças vislumbrassem, por meio de desenhos, a perspectiva de construção de um espaço público que atenda as demandas da região.

Abaixo na tabela está descrita a programação realizada no segundo trimestre de 2019, durante os meses de setembro, outubro e novembro:

Programação para o segundo trimestre: meses de setembro, outubro e novembro de 2019.
<p><u>1os domingos de cada mês no Largo Nossa Senhora da Conceição:</u> Contação de história e Oficina de artes Mediação: Beatriz Sampaio e Fernanda Rubio</p> <p>- Livro: “Wangari Mathaai: a mulher que plantou milhões de árvores” (PREVOT, 2013) - Livro: “Cocô de passarinho” (FURNARI, 2013) - Livro: “Isso não é brinquedo!” (BRENMAN, 2019)</p>
<p><u>2os domingos de cada mês no Largo Nossa Senhora da Conceição:</u> Roda de poesia brasileira e Oficina de zines Mediação: com Eva Leones e Fernanda Rubio</p> <p>- Autor: Raul Bopp - Autor: Roberto Piva - Autoras: Conceição Evaristo + Lubi Prates</p>
<p><u>3os domingos de cada mês no Espaço Cultural Nair Bello – EMEI Regente Feijó:</u> Mutirões de revitalização Mediação: Conselho da EMEI Regente Feijó</p>

4os domingos de cada mês no Espaço Cultural Nair Bello – EMEI Regente Feijó:

Ciclo de conversas

Mediação: Diego Veiga

- Autogestão e economia solidária - Transformando a economia e o mundo agora.

- Comércio justo e solidário - O consumo como ferramenta política para a construção de um mundo do bem viver.

- Introdução aos estudos de gênero e sexualidade - Construindo relações não opressoras.

(participação do Atreva-se! Nomear para Combater ⁶)

A programação do segundo trimestre de 2019 ocorreu em dois espaços públicos onde se localizam escolas públicas ao lado: o Largo Nossa Senhora da Conceição, próximo à EE Caetano de Campos – Aclimação e o Espaço Cultural Nair Bello, que pertence à Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) Regente Feijó. Analisando as atividades descritas na tabela, recordamos e percebemos novamente que as atividades voltadas para crianças com suas famílias desenvolvem uma maior participação na comunidade, já nas atividades elaboradas para jovens e adultos houve pouco envolvimento no nosso bairro.

Produção do documentário: “Queijinho - Memória local ou impasse institucional”

Documentário produzido em parceria com a AMV Produções que registra parte da memória do local apelidado de ‘Queijinho’ ao lado da EE Caetano de Campos – Aclimação na cidade de São Paulo, onde funcionava a educação infantil da escola até o ano 2000 e que se encontra por 20 anos abandonado pela administração estadual e em processo de tombamento pela CONPRESP ⁷.

Nossa proposta em uma mobilização no ano de 2019, com vizinhos do Largo Nossa Senhora da Conceição - Aclimação, ex-alunos, professores e ex-professores da EE Caetano de Campos - Aclimação expõem seus depoimentos com histórias sobre o espaço, explicando como a área se degradou ao longo do tempo e quais são suas ideias e sugestões para um futuro uso do espaço.

Devido à pandemia de coronavírus em 2020 a estreia do documentário foi realizada pelo canal do YouTube da Escola Comunitária em agosto ⁸.

⁶ Atreva-se! é um movimento feminista que tem como objetivo construir ferramentas para nomear e combater o machismo do cotidiano.

⁷ Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo.

⁸ O documentário está disponível para assistir em: https://youtu.be/93bGdPU_kmw.

Esta experiência foi muito significativa para a Escola Comunitária, pois pela primeira vez criamos um projeto de documentário com nossa própria pesquisa e em colaboração com a comunidade. Também foi a única no campo do audiovisual dentro do gênero documental pela AMV Produções cujos membros também participam de outro coletivo no bairro, chamado Jardim da Gratidão, que conhecemos durante um mutirão em 2019.

A partir do percurso de experiências expostas através das tabelas, podemos compreendê-las por meio do conceito de experiência como espaço de possibilidade, de Jorge Larrosa. Para obter qualidade e melhor absorção do que vivemos, precisamos estar dispostos a vivenciar os detalhes e diminuir o ritmo, cultivando a arte do encontro com a riqueza de informações e conhecimentos que isso nos pode oferecer a partir da escuta, atenção, observação e diálogo. Abaixo nos debruçamos em sua concepção de experiência:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2017, p. 25).

Entre o que experienciamos durante nosso percurso e atividades em 2019 com a Escola Comunitária e o que Larrosa propõe como conceito de experiência, refletimos que estar plenamente presente em todos os processos de trabalho torna possível encarar as dificuldades com melhor compreensão, ou seja, o espaço de possibilidade ganha o próprio tempo.

A Escola Comunitária tem como papel principal dar escuta à comunidade através desta cultivação da arte do encontro. O automatismo da ação na sociedade de setores e serviços em que convivemos faz perder o encanto, a gentileza e a ternura; e também o tempo para a troca humanizada e com a natureza. Precisamos nos reeducar se buscamos não reproduzir estes valores onde só os objetivos são trabalhados não se importando com o bem-estar durante os percursos e trajetos de aprendizados.

Com a intenção de criar mais territórios de conversa e trocas é que viabilizamos as experimentações para esta pesquisa-ação, como intuito o disparar mais ações e trabalhos em pequenos grupos, inter-relacionando a escola com seus arredores, ressignificando as esferas culturais, sociais e políticas com novas engrenagens, ainda que subjetivas.

Jorge Larossa traz a possibilidade das conversas para um translocal de intersubjetividade, novamente uma abertura para o diálogo que não sabemos ao certo como procederá:

Entende-se agora que situar o educativo no lugar da experiência supõe um não e uma pergunta que é, ao mesmo tempo, uma abertura? Entende-se “o que não somos e o que não queremos”? E entende-se “com que cara continuar vivo”? Soa-lhes familiar isso de falar impunemente do que se ignora? Vocês já sabem que as posições discursivas do saber e do poder garantem a impunidade e também a imunidade. (LARROSA, 2016, p. 82).

O permitir espaço e confiar, o exercitar autonomia e experimentar são processos imanentes para a criação, associação e participação neste jogo de integração para o pertencimento que a Escola Comunitária busca provocar formando diálogos, relações e intersubjetividades durante as interações.

Nicolas Bourriaud traz o termo ‘estética relacional’ onde, de modo geral por meio da prática artística, realizações do cotidiano com aberturas de passagens são efetuadas, fazendo algumas conexões onde diferentes níveis de realidade são colocados em contato. Em suas próprias palavras: “(...) Ela nasce da observação do presente e de uma reflexão sobre o destino da atividade artística” (BOURRIAUD, 2009, p. 61). E ainda afirma sobre o futuro político das formas:

Não falta projeto político à nossa época, mas ela aguarda formas capazes de encarná-lo. Pois a forma produz ou modela o sentido, orienta-o, leva-o a repercutir na vida cotidiana. A cultura revolucionária criou ou popularizou vários tipos de sociabilidade: a assembleia (soviéticos, ágoras), o sit-in, a manifestação e seus cortejos, a greve e suas derivações visuais (bandeirolas, panfletos, organização do espaço etc.). (BOURRIAUD, 2009, p. 117).

A dialogia dentro da ação pode produzir consensos e também dissensos; trabalhar é relacionar-se, encaminhar decisões onde o agir tem forma de ‘inter-ação’ e se preocupa com seus efeitos. No embaralhar arte e vida como arte colaborativa e interdisciplinar em uma recomposição de espaços políticos onde possa ocorrer um suprimento ‘articulativo’ na ausência de políticas sociais no real, em um fazer circular com uma humanidade reconciliada; é o que a Escola Comunitária está disposta a oferecer em uma proximidade comunicativa.

A descolonização da educação e das artes é um trabalho a que sempre temos dado atenção e nos dedicado no percurso de experiências junto com nossos parceiros na Escola Comunitária, trazendo diversas referências, contextualizando as lutas contra as opressões raciais, étnicas, de gênero, sexuais, ambientais, econômicas e as desigualdades em nossa sociedade, principalmente através de narrativas de experiências como podem ser observadas nas tabelas com nossas atividades de 2019. Consideramos os problemas ambientais uma opressão conjuntamente com os outros problemas sociais, pois estes desequilíbrios causados pela ganância afetam diretamente toda uma rede de vida em comunidade que valorizamos e prezamos por seu bem-viver a nível local e global.

Luciara Ribeiro em uma conversa online recente organizada pelo Áfricas nas Artes⁹

⁹ “Arte-educação e ativismo: a urgência de repensar as práticas educativas”. Com Luciara Ribeiro. Mediação: Emi Koide. Realização: Áfricas nas Artes/ Conversas em rede - ciclo de debates e oficinas. Licenciatura em Artes Visuais

trata sobre a temática da arte educação e ativismo, onde através de suas pesquisas e experiências como educadora e curadora expõe que precisamos com urgência repensar as práticas educativas e ter um olhar mais crítico perante as instituições culturais no Brasil que tendem a ter uma visão ainda eurocêntrica e colonial. Sugere que não tenhamos medo de nos arriscar para a mudança e que precisamos criar estruturas de possibilidades de forma independente e com coletividade.

Adaptações em processo durante 2020 a partir da pandemia

A Escola Comunitária de 2016 a 2019 se desenvolveu de forma experimental pelo bairro e em 2020 tinha como plano focar em dois programas no Largo Nossa Senhora da Conceição e arredores. Um programa de educação ambiental e outro programa de arte educação, ambos laboratórios de trabalho independente e voluntário voltados para o desenvolvimento local e realizados aos finais de semana. A partir da pandemia do novo coronavírus fomos impossibilitados de seguir com nossos planejamentos para o projeto por conta do isolamento social, assim sendo, iniciamos um processo de adaptações de forma virtual para organizar, estruturar e encaminhar algumas ideias que fazem parte de nossa práxis, utilizando o recurso de grupos na rede social Facebook, que é bem popular e amplamente usada em nosso bairro para discussões locais.

Abaixo estão os nomes dos dez estrategicamente grupos criados desde abril pela Escola Comunitária pensando em possibilidades de melhorias em alguns aspectos:

- Trocas de Conhecimentos
- GERAR (Grupo de Estudos Rios da Aclimação e Região)
- Fórum Permanente de Desenvolvimento Local da Aclimação
- Oficina de Zines
- Trocas de Mudas e Sementes (Região da Aclimação)
- QUEIJINHO – Memória local ou impasse institucional
- Economia Solidária – Rede de Fortalecimento (Região Aclimação)
- Educação Ambiental e Arte Educação – Ns. Sra. Da Conceição (Lab 2021-2022)
- Mapeamento dos Espaços Subutilizados (Região da Aclimação)
- LIXO ZERO – CAMBUCI & ACLIMAÇÃO

Utilizamos da ideia de Comunidade de Aprendizagem para este processo de adaptações visando o desenvolvimento local durante a pandemia onde estamos isolados socialmente, mas ainda virtualmente podemos movimentar e organizar estratégias para o trabalho em comum onde fazemos uso de nossas próprias forças como diagnóstico em comunidade buscando suprir nossas carências, como explica Rosa Maria Torres:

- CAHL – UFRB. Disponível em: https://youtu.be/B_XrkcNkwE. Acesso em: 10 de jul. 2020.

Uma Comunidade de Aprendizagem é uma comunidade humana organizada que constrói um projeto educativo e cultural próprio, para educar a si própria, suas crianças, jovens e adultos, graças a um esforço endógeno, cooperativo e solidário, baseado em um diagnóstico não apenas de suas carências, mas, sobretudo, de suas forças para superar essas carências. (TORRES, 2001)

Como Torres descreve, uma comunidade de aprendizagem (que tentamos construir através da Escola Comunitária e em processo de adaptações pelo motivo e realidade da pandemia) é uma comunidade humana organizada com um projeto educativo e cultural próprio, a cooperação e solidariedade de diversos agentes envolvidos em possibilidades estruturadas, suas próprias forças internas sendo trabalhadas e desenvolvidas com autonomia, isto chamamos de autodeterminação e pertencimento.

No segundo semestre de 2020 obtivemos alguns desdobramentos significativos com relação nossas adaptações de atividades no contexto da pandemia de coronavírus. A partir de uma proposta de intervenção poética de uma colaboradora da Escola Comunitária, organizamos uma chamada pública para intervenções urbanas no bairro, em pequenos grupos independentes e com distanciamento social. Também o jornal do nosso bairro chamado 'Notícias da Aclimação e Cambuci' publicou uma matéria sobre o nosso documentário que expõe a questão do impasse institucional do 'Queijinho' como forma de apoiar a mobilização¹⁰. O GERAR após alguns encontros virtuais, está realizando reuniões presenciais em praças no bairro e pesquisas de campo com todos os cuidados necessários. Observamos o florescimento de movimentos intersetoriais criando diálogos e que será benéfico ao trabalho no território com a comunidade.

Considerações finais

O educador tem papel fundamental ao promover uma cultura mais fraterna em busca de ambientes mais saudáveis e cooperativos para todos. A escola poderia ser um laboratório de ideais e práticas que abrangem diversos aspectos na comunidade local e que também reflete na sociedade em movimento. Fortalecer práticas bottom-up¹¹ seria uma sugestão de empoderamento e emancipação para a criação de políticas públicas mais próximas às necessidades da população.

O trabalho com arte como construção simbólica de espaços de convivência está diretamente relacionado a esses valores de autodeterminação das comunidades na remodelação de processos de urbanização que sejam mais participativos, inclusivos, de utilidade e com a formação dos próprios indivíduos no contexto de maneira significativa com o sentido do pertencer.

Com uma abordagem sociocultural da escola como facilitadora da

10 Link para ler a matéria: <http://aclimacaoecambuci.com.br/documentario-queijinho/>. Acesso em: 08 de out. 2020.

11 De baixo para cima, como colaborações mais igualitárias.

conscientização no processo de transformação, que transcende às instituições, sendo mais significativa e afetiva ao fortalecimento destes indivíduos em formação dentro de suas comunidades, pode ser propícia esta abordagem na escola ao jogo contra a evasão escolar.

Podemos chamar de cenário pós-coronavírus ou pós-isolamento social este cenário que Grandisoli e Jacobi descrevem abaixo?

Um cenário possível é imaginar que as mais de 180 mil escolas (considerando-se somente a rede pública de ensino) poderiam se tornar verdadeiros laboratórios de pesquisa na direção da compreensão mais profunda e ampliada das características socioambientais do seu território. Esse processo de investigação colocaria a escola como um dos centros vitais da comunidade e de sua cidade (uma vez que quase 90% delas está em zona urbana), colaborando para a compreensão da realidade local e fomentando transformação dos pontos de vista pessoal, coletivo e em políticas públicas. (GRANDISOLI/JACOBI, 2020)

Independente da nomeação mais apropriada para este cenário incerto e imprevisível diante da pandemia que segue fora de controle no Brasil causando milhares de mortes, acreditamos assim como Grandisoli e Jacobi que a transformação local pode de fato acontecer através da educação em escolas que sejam laboratórios de pesquisa e que incentivem seus estudantes e comunidade a investigarem e compreenderem seus próprios territórios. Apoiando estes movimentos em comunidades de aprendizagem a transformação se torna possível.

Em 1979, o artista Joseph Beuys, do movimento arte in fluxus, participou da 15.^a Bienal de Arte de São Paulo, com uma instalação que vinha acompanhada, como ele fazia questão, do texto (em português) “Conclamação para Uma Alternativa Global”, em que o tema principal era a ‘não violência’.

Dizia em uma parte do texto: “SEM PRÁXIS NÃO HÁ TRANSFORMAÇÃO”. Seu trabalho inspira nosso projeto da Escola Comunitária. Sua maior obra de arte é ser professor, declarou Beuys em uma entrevista concedida à revista Artforum em 1977, e que o restante é um produto residual, uma mera demonstração. Fazem sentido suas afirmações quando trazemos a estética relacional de Nicolas Bourriaud nesta concepção, que é a partir dos encontros e trocas que nos transformamos e ao nosso meio de convívio.

Referências

BOURRIAUD, Nicolas. **Estética relacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BRENNAN, IAN. **Isso não é brinquedo!** São Paulo: Editora Scipione, 2019.

CARVALHO, Livia Marques. **“Reflexões sobre o ensino da arte no âmbito de ONGs”**.

In: BARBOSA, Ana Mae. COUTINHO, Rejane Galvão. (orgs.). **Arte/educação como mediação cultural e social**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

FARKAS, Solange Oliveira (coord.). **Joseph Beuys: a revolução somos nós: 2010-2011**. São Paulo: Sesc Edições, 2010.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico. Heterotopias do corpo**. São Paulo: n-1 edições, 2014.

FREINET, Celestin. **A educação do trabalho**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 1998.

FURNARI, Eva. **Cocô de passarinho**. São Paulo: Editora Moderna, 2013.

GRANDISOLI, Edson & JACOBI, Pedro Roberto. (2020) **Educação e transformação pós-COVID-19**. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/341180785_Educacao_e_transformacao_pos-COVID-19. Acesso em: 10 de jul. 2020.

LAROSSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

LORDE, Audre. **Sister Outsider: Essays and Speeches (Crossing Press Feminist Series)**. EUA: Crossing Press, 2012.

PORVIR – INOVAÇÕES EM EDUCAÇÃO. “É possível fazer educação de qualidade sem escola” - Tião Rocha, referência em cultura popular, espera que escolas sejam abolidas e transformadas em espaços mais desafiadores. 11 de março de 2013. Disponível em: <http://porvir.org/e-possivel-fazer-educacao-de-qualidade-sem-escola/20130311>. Acesso em: 10 de jul. 2020.

PREVOT, Frank. **Wangari Mathaai: a mulher que plantou milhões de árvores**. Rio de Janeiro: Editora Galerinha, 2013.

RAGO, Margareth. **Inventar outros espaços, criar subjetividades libertárias**. São Paulo: ECidade, 2015.

SILVERSTEIN, Shel. **A árvore generosa**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2017.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2011.

TORRES, Rosa Maria. **Comunidade de Aprendizagem: A educação em função do desenvolvimento local e da Aprendizagem**. Instituto Fronesis.

VIANA, Arievaldo. **O coelho e o jabuti**. Porto Alegre: Editora Globo, 2011.

Submissão: **08/10/20**

Aceitação: **21/10/20**